

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE043667

**FARJALLAT, Célia Siqueira. "Oito bananas por um tostão".  
Correio Popular, Campinas, 05 jan., 1977.**

# "Oito bananas

## por um tostão"

Camis Popular

5  
1  
77

"Corro os olhos pela História de Campinas e sinto a grandeza de minha terra" — (Barbosa Pupo)

### C. Siqueira FARJALLAT

Conta-se que um cientista americano de nossos dias está construindo em seu laboratório ultra-sofisticado a máquina de retratar o passado, captando o som e a imagem dos tempos idos, e projetando-os no presente. Assim, fatos históricos, episódios de guerras e de morte, conquistas, o surgir e a queda dos Impérios, as aspirações, os sonhos, as marchas, as palavras dos homens, que viveram há séculos, seriam trazidos para a época atual. Não haveria mais dúvidas históricas, nem mistérios.

Mas, sem toda esta aparelhagem sofisticada, sem os recursos desta tecnologia fantástica, apenas com o coração e a memória, com muita arte e sutileza, este campineiro autêntico, jornalista Benedito Barbosa Pupo, captou também o passado de sua terra, projetando nas páginas pitorescas deste livro, o sabor, a forma, os sons, as imagens dos fatos idos e vividos.

No prólogo deste livro encantador, há um síntese da vida de Campinas, desde quando o Morgado de Mateus, que governou a Capitania de São Paulo, de 1765 a 1775, mandou fossem fundadas várias povoações. Há alusões rápidas a Barreto Leme, às fases de desenvolvimento da cidade, às suas lutas, ao seu progresso.

Mas, Barbosa Pupo, muito sabiamente, não se detém nos fatos históricos apenas. Ele faz a crônica da cidade e de sua gente. Evoca as pequenas ruas de outrora, o som dos pregões dos vendedores, os tipos populares, o sossego dos bairros sem carros, sem caminhões, sem poluição. E relembra as brincadeiras dos moleques, as peladas com bola de meia, os jogos de amarelinha, o bilboquê e diabolô, os longos bate-papos, às festas, e até a culinária da época: as empadas de galinha, camarão e palmito (de verdade...), as canjas merecendo uma ode, os cartuchos de sequilhos, balas e cocadas oferecidos aos "anjos" das procissões; a doce geléia de mocotó; os assados, as comidas deliciosas...

Este é o mérito maior do livro. Não repete a História em capítulos enfadonhos; mas registra a vida, os costumes, o linguajar, os preços das mercadorias, os festejos, as cantorias, as tristezas. Não faz a Geografia e a História, no sentido exato do termo; em troca, rememora com arte e beleza as ruas de seu bairro, Vila Industrial, e mais outras ruas e bairros, os prédios, e as igrejas, os meios de transporte e de iluminação, e usa nestas memórias tanto carinho e talento, que o tempo parece recuar, e o leitor "sente" o palpitar de vida nas casas e nas ruas, ouve o ruído do fogo a crepitar nos grandes fogões de lenha, escuta o riso da criançada, e até o leve ruído das agulhas de crochê.

O Autor nos traz, da longa distância dos anos, os tipos populares, muito bem ilustrados graficamente por Ruy Martins Ferreira: o folheiro, o mascate sírio, a quitandeira de porta de circo, o vendedor de miúdos e tripas, a vendedora de cuscuz paulista, o amolador de facas — trabalhadores humildes que a gente não vê mais.

Capítulos dos mais interessantes são o XIX e o XX: "Como a Mulher Consumia o Tempo" e "A Mulher e a Igreja", ambos reproduzindo, com muita graça e verdade, usos e modas que se foram. De uma nitidez perfeita a luta empolgante dos cachorros com os homens da rede ou da carrocinha; e o pitoresco comércio no tempo de mil reis.

Barbosa Pupo soube, realmente, trazer para nossos dias angustiados, muito dos contornos de uma cidade que não mais existe; de hábitos que se modificaram; de gente, que partiu, há muito, para além do horizonte. O grande valor destas memórias parece-nos residir nisto: um depoimento sincero e despretencioso, em estilo agradável e límpido, revivendo cenas, tipos humanos, risos e lágrimas, trabalhos e lazeres, um depoimento que a gente lê e relê com muito carinho: os velhos lembrando; os moços exclamando: "Meu Deus, era assim, então, que se vivia?"